



Aline Alberti Morgado concluiu o curso de Medicina Veterinária em 2009, fez residência no ano passado e agora vai iniciar mestrado. Seu interesse por pesquisas vem desde o 1º ano, quando entrou na Iniciação Científica. Aqui ela mostra como é o curso na USP e as possibilidades profissionais da carreira.

► **Aline Alberti Morgado**

“Eu fiquei em Zaragoza, na Espanha, trabalhando com produção de ovinos.”

JC – Quando você escolheu Medicina Veterinária como carreira?

Aline – Desde pequena eu falava que queria ser veterinária.

Além da Fuvest, quais vestibulares você prestou?

Prestei Universidade do Norte do Paraná, Universidade Estadual de Londrina e Universidade Federal de Minas Gerais. Todos para Veterinária. Fui aprovada em todos.

Como foi seu estudo no ano do vestibular, para conseguir vaga na USP? Teve de mudar sua rotina?

Eu segui o que fazia desde o 1º ano. Sempre fui organizada e isso se manteve no 3º ano. A diferença é que eu fazia mais simulados e ficava mais tempo no colégio.

Como foi o início na USP?

Foi complicado porque é uma fase de mudança em tudo. Você tem de mudar seu jeito de estudar. O 1º ano, mais básico, tem as matérias mais chatas. Peguei duas recuperações, depois fiz as provas e passei, sem ficar em DP.

Como você vê agora as matérias que pareciam chatas no 1º ano?

Elas são necessárias. Mas no 1º ano a gente não pensa assim. Fica logo querendo ver animal, atender, ver como os veterinários fazem. Não havia esse contato.

Quais foram suas maiores dificuldades no início do curso?

O curso é integral e há aulas cansativas. A gente fica muito tempo fora de casa. Tudo bem que no 3º ano eu já ficava mais tempo no colégio, mas não era todo dia. Na faculdade é de segunda a sexta-feira, das 8 às 18 horas, com duas horas para almoço. E você tem de se adaptar a um novo ambiente, a novas pessoas, fazer amizades – que ao longo do tempo você consolida.

Em algum momento você chegou a ter dúvida quanto à sua escolha de carreira?

No primeiro semestre a gente teve palestras sobre a gama de possibilidades dentro da Veterinária. Não tive dúvidas.

O que você estudou em cada ano?

No 1º ano, são as disciplinas mais básicas, Bioquímica, Biologia Molecular, Farmacologia, Histologia. No primeiro semestre do 2º ano, também é mais ou menos isso. O segundo semestre já é em Pirassununga, onde a USP tem um *campus*, uma fazenda. Lá, a gente passa por todas as cadeias de produção, equinos, suínos, aves, bovinos. Tem aulas práticas e disciplinas optativas. Depois, na volta a São Paulo, entram as matérias mais aplicadas.



Nesta Edição

entrevista	1
Carreira – Medicina Veterinária	1
conto	4
História vulgar – Artur Azevedo	4
mas, más, mais	5
Tomara que você não expluda ou exploda	5
artigo	5
Um ITA para o Norte – Claudio Angelo	5
entre parêntesis	7
Os mágicos	7
pois é, poesia	8
Gregório de Matos Guerra	8

Você fez alguma optativa em Pirassununga?

Peguei uma de suinocultura.

Depois de Pirassununga, como o curso se desenvolve?

No 3º ano, acho que tem Farmacologia Aplicada, não lembro ao certo. Tem as reproduções no sexto semestre. O 4º ano é das clínicas. No 3º e no 4º ano, tem as matérias mais gerais, Patologia Médica, Patologia Clínica, para interpretação de exame, avaliação da doença. No 5º ano, continua com clínica, tem doenças nutricionais e metabólicas, e inspeção.

O que é essa inspeção?

Inspeção de alimentos. Já no final do 5º ano. É um ramo que está crescendo bastante, está bem forte.

Na faculdade, além das aulas, você desenvolveu outras atividades?

Nós fazíamos estágios desde o 1º ano.

Onde eram os estágios?

Na USP mesmo, no hospital de ruminantes e no hospital de equinos.

É atividade obrigatória?

Não, você se inscreve se quiser. Mas, a partir do momento em que se inscreve, você tem de cumprir 80 horas, no mínimo, para ter o certificado. A gente acompanhava a rotina do hospital, o que os residentes faziam.

Como o estágio se encaixava, se não há janelas e o curso é em período integral?

Dependia do mês que você pegava. Se fosse no período de aula, tinha de ir no horário do almoço ou depois da aula, se desse tempo. E nos fins de semana e feriados. Um pouco puxado. Tem de se dedicar. Mas vale a pena. A gente usa bastante as férias para isso. Tirando os estágios com ruminantes e equinos, que são na USP, no período de aulas não dá para fazer estágio fora, em empresas, em outros lugares. Tem de ser nas férias.

Você fez estágio em todas as férias?

Quase todas. Teve umas férias em que eu fiquei só na Iniciação Científica. Isso foi no final do 1º ano. A residente do hospital de ruminantes me perguntou se eu queria fazer Iniciação Científica, em que você auxilia em algum projeto de pesquisa de professor. Eu me interessei e ela me apresentou a uma das professoras. A partir daí, comecei a trabalhar na equipe de pesquisa. Você participa de laboratório, de coleta em campo, viaja quando necessário.

Nos outros anos, onde você estagiou?

Eu fiz estágio na Vallée, que é uma empresa de medicamentos. Também fiz estágios em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e numa fazenda em Minas.

Era fazenda de universidade?

Não. Fui a um congresso e um palestrante me chamou a atenção. Ele trabalha dando assessoria técnica em fazendas. Entrei em contato por e-mail, e ele disse que eu podia ir fazer estágio em uma fazenda. Ficava a umas quatro horas de carro de Belo Horizonte, perto da Bahia. Foi interessante, eles estavam trazendo os animais de lá. Fui com ele para a Bahia selecionar os ovinos. Foi meio aventura.

Você ficou morando na fazenda?

Fiquei só 15 dias, porque eu dividi o tempo com o estágio no Rio Grande do Sul. Foram umas férias intensas. Isso foi do 4º para o 5º ano. No 5º ano, fiz estágio em Garanhuns, Pernambuco, e em Zaragoza, na Espanha.

Como você conseguiu estágio na Espanha?

No último semestre tem o estágio curricular supervisionado, que

dura três meses. Você pode escolher os lugares que quiser, que tenham convênio com a faculdade para fazer o estágio. Eu fui para o hospital de Garanhuns, em Pernambuco, que é uma clínica de bovinos, de grandes animais. Fiquei lá um mês. E os outros dois meses eu fiquei em Zaragoza, na Espanha, trabalhando com produção de ovinos. Há um convênio com a faculdade de lá e eu pude assistir às aulas práticas deles e acompanhar os veterinários de uma empresa. Eu ia a campo quase todo dia fazer manejo, como vacinação e vermifugação.

Você conseguiu patrocínio para a viagem ou foi por conta própria?

Eu pedi auxílio da faculdade e consegui bolsa. Muitos vão por conta própria. Na volta do estágio curricular supervisionado, você defende o TCC [trabalho de conclusão de curso]. Na verdade, isso depende de seu orientador, se ele pede ou não o TCC. A minha orientadora só pediu relatório de estágio.

No último ano da graduação, qual era sua maior preocupação?

O que fazer da vida. Eu tinha intenção de prestar residência, mas não tinha um segundo plano. Prestei residência e se não passasse ia continuar trabalhando nos projetos da equipe de pesquisa e prestar de novo no final do ano. Eu queria ficar na USP e pegar experiência com clínica. A gente, quando sai da faculdade, se sente ainda insegura. Por isso, a residência, apesar de não ser obrigatória, é muito importante.

Há uma prova para residência?

Prova e entrevista.

Como é a residência?

Você trabalha no hospital e fica no atendimento mesmo. Tem os professores que dão suporte. Se precisar, eles vêm, e a gente estuda o caso juntos, mas você é o veterinário que está na linha de frente. Há algumas aulas no início da residência, para nivelamento, porque muita gente vem de fora.

Para entrar no mestrado, o que é preciso?

Você precisa ter um projeto e uma boa relação com a equipe.

Tem entrevista?

Tem entrevista. Não tem prova no setor de química. Na preventiva tem prova. Depende da área que você presta. Na clínica é só entrevista, avaliação do projeto e currículo. O currículo pesa 6. Pesa bastante.

E o peso da entrevista?

Pesa 2. O projeto também pesa 2.

Por que você preferiu fazer o mestrado em vez de ir direto para o mercado de trabalho?

Eu gosto da área de pesquisa. Desde o início da graduação, eu fiz várias linhas de pesquisa. Isso me despertou o interesse pelo mestrado. Mas, na verdade, eu não sabia se queria fazer o mestrado direto depois da residência ou se queria trabalhar, ver o que o mercado está precisando, para voltar e pesquisar alguma coisa que fosse útil. Só que, durante a residência, a gente sentiu falta de informações sobre o uso de protetor de mucosa estomacal para ruminantes, com dose adequada para eles.

O que é o protetor de mucosa?

Os ruminantes têm três pré-estômagos e um estômago verdadeiro [são poligástricos, com o sistema digestório dividido em quatro câmaras: rúmen, retículo, omaso e abomaso]. Quando, por exemplo, a gente utiliza muito anti-inflamatório, existe grande chance de causar úlcera no estômago principal. Você lesa a mucosa naquele estômago e pode surgir a úlcera hemorrágica, que é →

muito subdiagnosticada. Às vezes a gente não percebe. Eu quero estudar o uso de um protetor de mucosa para padronizar uma proteção para ruminantes, porque, quando a gente administrava no hospital, era preciso puxar a literatura de outras espécies e adaptar.

Não tem algo próprio?

Até tem, mas é via oral e a gente não quer nada por via oral porque os pré-estômagos podem impedir a ação do fármaco. Queremos via endovenosa. Na veia mesmo, vai direto.

Quando optou por Veterinária, você já tinha ideia do que queria fazer na profissão?

Quando eu era aquela menininha e falava em Veterinária, eu tinha ideia de mexer com cavalo. É um animal lindo. Só que o primeiro estágio que fiz, no 1º ano, foi no hospital de equinos e eu vi que esse não era para mim, porque é meio fechado, você tem de ter muitos contatos. É mais complicado do que parece.

Tem muito a ver com competição?

É. Cavalo de esporte, hípicas, alto valor.

Não é só por estimação?

Não. É um negócio. Tem muito dinheiro envolvido. O segundo estágio que fiz foi com ruminantes, e eu me identifiquei mais. É mais a parte de produção, é a cadeia de carne. Tem também, claro, a clínica envolvida, mas o forte dos ruminantes no Brasil não é a clínica.

Como está o mercado de trabalho?

Vamos falar das diversas áreas. A clínica de pequenos animais, por exemplo, está bem saturada aqui em São Paulo.

Pet shop, gatos, cachorros?

Gato e cachorro. Não pet shop necessariamente. Nem sempre a clínica está vinculada a pet shop. Está bem saturado. Meus colegas que dão plantão ainda estão tentando se encaixar no mercado, uma vida mais complicada. Empresa é o setor que melhor paga.

Que tipo de empresa?

Empresa de medicamentos, empresa nutricional. Comparando com a clínica, é o que mais paga. Clínica de grandes animais, de ruminantes, é praticamente inexistente. A gente tem de buscar algo na área de produção, talvez frigoríficos, mas você tem de se encaixar mais na inspeção. Com equinos há possibilidade de trabalhar nas hípicas, nos jôqueis-clubes, mas tem de ter os contatos. Tem veterinário de fazenda, que geralmente trabalha muito e ganha pouco. Então, fica por um curto tempo na fazenda e vai buscar alguma especialização de novo dentro da faculdade, para sair mais capacitado. E tem a parte acadêmica, você pode ser professor. Existem muitas universidades particulares. Só que para isso tem de ter o mestrado.

Você pensa em seguir nessa área?

Não excludo. Mas agora não é bem o que eu quero.

O que você pretende é a área de pesquisa?

Não vou me fechar a nada, mas atualmente é o que eu quero.

Qual a maior diferenciação na hora de uma pessoa conseguir um emprego? Além da faculdade, o que pode influir?

Da mesma turma podem sair uma pessoa com um currículo excelente e uma pessoa com currículo só básico. É importante fazer estágio, curso, participar de congresso, conversar com as pessoas do meio, ter contatos. E saber idiomas, dominar o computador. São coisas básicas para os dias de hoje.

Quais qualidades uma pessoa precisa ter para se dar bem em Veterinária?

Diferentes tipos de pessoas podem se dar bem na profissão. Não há

uma característica. Você tem de descobrir onde se encaixa. Se, por exemplo, você é uma pessoa introspectiva, quem sabe se dê melhor fora do atendimento ao cliente, num laboratório, talvez? Na área de inspeção?

E na área clínica?

Na área clínica, na linha de frente, você tem de saber falar com as pessoas, saber ouvir o proprietário. Você vai ser um amigo dele. Ele vai te contar muita coisa e vai omitir outras. Você vai ter de ter jogo de cintura.

Com relação ao que exige o dia a dia da profissão, você acha que o curso da USP está de acordo com o que é necessário? Ou tem de correr atrás?

A gente sempre pensa que sai despreparada da faculdade, mas no final vai vendo que não é assim. Você sabe muita coisa, mas sempre tem de correr atrás, porque, por ser integral o curso, não se tem muito contato com as coisas de fora. Somos muito preparados com a base teórica mas, apesar das aulas práticas, a gente ainda tem medo de colocar a mão na massa. Por isso, você tem de buscar as optativas, os estágios.

O que você diria a quem vai prestar vestibular este ano e tem como opção o curso de Medicina Veterinária?

Como orientação, o Etapa tem o Painel de Profissões, em que alunos que já estão na universidade dão informações sobre os cursos. A USP também tem uma semana em que eles mostram as faculdades e falam um pouco sobre os cursos. Além disso, é entrar na internet e ver. Em relação à Veterinária, é uma área muito vasta, ela permite que você se encaixe em vários setores. Agora, quem está na dúvida, pode visitar a faculdade e conversar com as pessoas, tem professores que são responsáveis por isso, tem uma comissão de graduação, pode marcar uma hora, eles vão receber com o maior prazer. E tem os alunos também. O pessoal é bem receptivo.

Como o colégio foi importante para você, não só no vestibular, mas ao longo da faculdade?

No colégio, a gente aprende a se dedicar bastante e a dar valor ao conhecimento. É uma época difícil, você está sob estresse, mas todo mundo se ajuda, estuda junto.

Que recordações você tem do colégio?

Só recordações boas. Eu adorava o Etapa. Fiz grandes amigos, a gente tem contato até hoje. Lembro muito das aulas gostosas, das brincadeiras. Os professores foram muito importantes na nossa vida. Quando junta a galera do colégio, a gente começa a falar: "Nossa, lembra daquela hora?" A gente lembra com carinho daquele tempo.



Jornal do Colégio ETAPA

Editado por Etapa Ensino e Cultura
Redação: Rua Vergueiro, 1 987
CEP 04101-000
Paraíso – São Paulo, SP

Jornalista Responsável
Egle M. Gallian – M.T. – 15343
